



História Unisinos  
ISSN: 2236-1782  
[periodicos@unisinos.br](mailto:periodicos@unisinos.br)  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Brasil

Kury, Lorelai; Nogueira, André  
Francisco Antônio de Sampaio: de cirurgião a homem de ciências (Vila de Cachoeira, Bahia, c. 1780)[1]  
História Unisinos, vol. 22, núm. 4, 2018, Novembro-, pp. 514-525  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.4013/htu.2018.224.01>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579862720002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org  
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

# Francisco Antônio de Sampaio: de cirurgião a homem de ciências (Vila de Cachoeira, Bahia, c. 1780)<sup>1</sup>

Francisco Antônio de Sampaio: From surgeon to man of science (Town of Cachoeira, Bahia, c. 1780)

Lorelai Kury<sup>2</sup>  
lolakury@gmail.com

André Nogueira<sup>2</sup>  
guazo08@gmail.com

---

**Resumo:** O presente artigo discute as práticas médicas e científicas de Francisco Antônio de Sampaio, cirurgião que atuava como médico e naturalista na Vila de Cachoeira, Bahia. Sampaio foi alvo de fiscalização do Protomedicato por extrapolar seu ofício de cirurgião. O artigo analisa a correspondência que Sampaio estabeleceu com a Academia das Ciências de Lisboa, entre 1783 e 1793, bem como os trabalhos manuscritos que enviou à instituição. Sua produção científica visava a sua afirmação como produtor de conhecimento e a sua inserção na República das Ciências lusa e brasileira.

**Palavras-chave:** história natural, Francisco Antonio de Sampaio, história da medicina, história da cirurgia.

**Abstract:** This paper discusses Francisco Antonio de Sampaio's scientific and medical practices. He was a surgeon who worked as a doctor and a naturalist at Vila de Cachoeira, in Bahia. He was charged by Protomedicato with illegal practice of medicine. The article analyzes his correspondence with the Academy of Sciences in Lisbon as well as the manuscripts he sent to that institution between 1783 and 1793. Sampaio's scientific endeavor aimed to place him as a qualified author of the Republic of Sciences in Portugal and Brazil.

**Keywords:** natural history, Francisco Antonio de Sampaio, history of medicine, history of surgery.

---

Nos últimos anos podemos acompanhar uma crescente produção de trabalhos que buscam analisar a Ilustração no âmbito luso-brasileiro. Com relação à história das ciências e das técnicas, os temas de pesquisa apresentaram expressivo alargamento, e as interpretações em torno do assunto variam bastante, desde as tradicionais denúncias de um suposto atraso ibérico até as afirmações de que o império português, inclusive a colônia americana, funcionava de forma minuciosamente estruturada e coordenada. Assim, ganharam relevo aspectos

<sup>1</sup> Esse artigo é fruto de dois projetos mais amplos: pós-doutoramento de André Nogueira intitulado "Reflexões sobre as categorias de médico, cirurgião e naturalista na América portuguesa: Francisco Antonio de Sampaio, Vila de Cachoeira (1783-1793)" Projeto de Pesquisa apresentado a FAPERJ (2016), desenvolvido na COC/FIOCRUZ sob a supervisão de Lorelai Kury e que conta com o financiamento da FAPERJ. Bolsa de pesquisa do CNPq, de Lorelai Kury, intitulada "Naturalistas coloniais: formas, lugares e propriedades das plantas (1750-1850)". Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq como proposta de renovação de Bolsa de Produtividade (2012).

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fundação Oswaldo Cruz. Av. Brasil, 4036, 4º andar, sala 417, Manguinhos, 21040-361, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

como colecionismo, museus e jardins, a montagem, dinâmica e produção científica nas viagens filosóficas, além da atuação de agentes da Coroa, numa época em que não existia a categoria profissional de cientista (Walker, 2013; Brigola, 2003; Pataca, 2006; Raminelli, 2008; Faria, 2002; Domingues, 2001; Cruz, 2004). Os processos endógenos de produção de conhecimento no Brasil também têm sido objeto de investigação histórica, e o panorama que se tem hoje é bastante rico e diverso. Atualmente, a historiografia das ciências no Brasil vem dando maior ênfase à circulação de teorias e práticas entre Brasil, Portugal e demais áreas coloniais, destacadamente do império luso.

Pretendemos aqui discutir as fronteiras e interseções entre diferentes formações e a constituição de *expertises* médicas e em história natural, no contexto colonial. Intencionamos, com isso, incorporar às análises questões próprias à historiografia das ciências e da medicina, ligadas à delimitação e legitimação do campo científico, além de buscar compreender a própria constituição e validação de certos saberes e produtos científicos como fruto de articulações entre práticas e concepções diversas. Para a agenda de pesquisa aqui buscada, algumas indagações tornam-se fundamentais, tais como as práticas de leitura e a produção de artefatos considerados científicos, a exemplo da remessa de espécimes minerais, vegetais e animais, mapas, objetos indígenas, manuscritos.

O cirurgião Francisco Antonio de Sampaio da Vila de Cachoeira (BA)<sup>3</sup> é um personagem de difícil classificação e quase totalmente esquecido pela historiografia das ciências do mundo colonial. Acreditamos que suas práticas científicas merecem um olhar mais detido. Sampaio nasceu em Portugal, mas em 1748, ainda criança, se estabeleceu no Brasil. Era autodidata. Segundo ele, seu “gênio naturalmente curioso” e uma “natural propensão ao estudo da medicina, cirurgia e farmácia, e fazendo neles o progresso que o país me pôde permitir, por meio de uma continuada lição dos livros [...] me determinei a fazer umas breves das mais notáveis produções em todos os três reinos”. Essas informações aparecem em correspondência de Sampaio endereçada à Academia das Ciências de Lisboa. Ao todo, há quatro cartas, entre 1783 e 1793<sup>4</sup>, nas quais se fica a par de acontecimentos relevantes quanto à sua atuação profissional e seus estudos sobre a natureza da região em que vivia.

A despeito de reconhecermos a importância e as profícias possibilidades interpretativas do estudo de um personagem como Sampaio com base no escopo analítico

co – e já há muito consagrado – da biografia histórica e do estudo de trajetórias, no presente artigo optamos por outra perspectiva de abordagem. Assim, como dito, nos interessará, mais especificamente, indagar acerca de suas estratégias de produção e legitimação de seus textos de história natural e as remessas de espécimes que enviou aos homens de ciência metropolitanos da Academia. Interessa-nos igualmente indagar como tais produtos científicos e o próprio Sampaio foram recebidos e considerados a partir do que Shapin (1994) conceituou “etiqueta científica”, conjunto amplo e complexo de produção de conhecimento, práticas de sociabilidade e relações de patronagem e hierárquicas no contexto da ilustração luso-brasileira<sup>5</sup>.

Na primeira carta, datada de 1783, Sampaio anuncia o envio para a Academia de um texto sobre “plantas medicinais do Brasil”, com estampas, e pedia orientação quanto ao método que deveria usar nos demais trabalhos que poderia realizar:

*Se eu for tão feliz que mereça a honra de sua aprovação e inteligência para a continuação, prosseguirei a segunda parte do Reino Vegetal, e do Animal e do Mineral, ou pelo mesmo método que tenho adotado ou por aquele que V. Exa. me for prescrito e determinado [...].*

Em 1788, nova carta de Sampaio indica que tinha recebido uma resposta da Academia<sup>6</sup> e que se animava a terminar o tomo referente aos animais e enviá-lo em breve. Efetivamente, no ano seguinte, encaminhava a obra prometida, com método “mais perspicuo, perceptível e interessante”. Em 1793, ainda a esperar pela resposta da Academia, o cirurgião de Cachoeira escrevia mais uma missiva, perguntando se a instituição havia recebido seu manuscrito

*com 104 espécies de animais quadrúpedes, aves, anfíbios e peixes, insetos e mariscos; todos descritos em suas figuras e cores, e muitos na sua grandeza estampados; anatomizados todos, e com virtudes medicinais muitas: tudo debaixo da ordem e termos de Lineu (Sampaio, 2008, p. 15).*

Apesar de nas cartas endereçadas à Academia e em várias passagens de seus escritos Sampaio se intitular médico, alegando possuir uma licença vitalícia para curar de medicina expedida pelo Físico-Mor do Reino,<sup>7</sup> era, formalmente, cirurgião. Conseguira a chancela no ano de

<sup>3</sup> Entre os poucos estudos que se debruçam mais detidamente sobre a produção científica de Sampaio, podemos mencionar Cerqueira (2015) e Conceição (2016, p. 142-179).

<sup>4</sup> ACL COD. 1944, Série Azul, p. 233, 282, 402, 463 (*in* Martins, 2008). As cartas de Sampaio à Academia foram publicadas em Martins (2008).

<sup>5</sup> Para esse tipo de olhar, conferir, igualmente, Secord (1994) e Biagioli (2006).

<sup>6</sup> A data da carta, segundo Sampaio indicou em carta de 20 de outubro de 1793, fora 10 de novembro de 1785 e só teria chegado a suas mãos em 14 de abril de 1787.

<sup>7</sup> Sampaio menciona a posse da tal licença em uma de suas cartas à Academia como estratégia para refutar a multa e o desabono de seus conhecimentos e práticas por parte do Protomedicato (Sampaio, 2008, p. 14).

1762, comprovando, por certidão, ter “aprendido e praticado” a arte e sendo aprovado em exame por unanimidade (ANTT, Carta de Cirurgia Francisco Antonio Sampaio, CHR. D. José I, liv. 70, fl. 282V)<sup>8</sup>.

A carta datada de 1789 contém informações preciosas sobre a atuação repressiva do Protomedicato na Vila de Cachoeira. Segundo Sampaio, ele e “todos os professores desta vila” foram multados pelos delegados de medicina e de cirurgia, nos anos de 1786 e 1789. As autoridades identificaram as infrações de “fabricar medicamentos” e de “curar com medicina”, atividades exclusivas de boticários e de médicos (Sampaio, 1789, *in Martins, 2018, p. 14*). O volume sobre animais que enviou a Lisboa junto com a carta havia sido em parte escrito antes da devassa, já que “as virtudes medicinais que tenho nesse reino alcançado, e no volume descrito, foram nos anos passados conseguidas” (Sampaio, 1789, *in Martins, 2018, p. 13*).

O cirurgião de Cachoeira ofertou, pois, à Academia das Ciências de Lisboa dois tomos de seu *História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil, pertencentes à Medicina*, dentre outros produtos de seus esforços e experiências objetivando se colocar na República das ciências<sup>9</sup>, ao menos no âmbito luso-brasileiro, e angariar prestígio e reconhecimento locais. A Academia não se interessou em levar ao prelo os esforços científicos de Sampaio, sendo seu manuscrito publicado somente aproximados 200 anos depois de ter sido escrito (Sampaio, 1969)<sup>10</sup>. Nas cartas enviadas para a Academia, por diversas vezes solicitou encorajamento de suas atividades, mas o reconhecimento oficial como sócio correspondente só ocorreu em 1798 (Conceição, 2016, p. 171). Para o delegado do Protomedicato, que o multava pela segunda vez, Sampaio chegara a mencionar que se correspondia com a Academia como “médico da Vila da Cachoeira”, mas de nada adiantara, pois não possuía diploma (carta de 1789).

Assim, interessa-nos analisar mais de perto, a partir do caso do cirurgião Sampaio, as condições concretas e específicas da produção científica em áreas coloniais. Trata-se de tentar entender de que maneira leituras, práticas e treinamentos, instruções e modelos de fazer ciência adequavam-se a uma *práxis* própria da experiência local. Propomos, então, analisar, com base nas cartas enviadas à Academia das Ciências de Lisboa e em sua *História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil, pertencentes à Medicina*, a maneira pela qual o cirurgião buscava legitimar suas “experiências e observações”, realizadas durante longos trabalhos de coleta, estudos minuciosos e curas realizadas em “seu país”, a Vila de Cachoeira e seus arredores.

Localizada na região do Recôncavo Baiano, a Vila de Cachoeira era banhada pelas águas naveáveis do rio Paraguaçu, que permitia acessar diretamente Salvador. Assim, era o segundo porto mais importante e segundo maior núcleo populacional da Bahia. De acordo com um censo realizado no ano de 1775, seu núcleo de povoamento mais central, a freguesia de N. Sra. do Rosário, contava com 986 fogos (casas) e 5.814 almas. Sua população total era contabilizada em 3.297 fogos e 26.980 almas (AHU, Castro e Almeida, doc. 2.917).

A atividade econômica principal era o tabaco, exportado para a Europa o melhor de sua produção. O fumo de pior qualidade era usado como moeda de troca preciosa para os negócios escravistas na África. Para além dos interesses ligados à *plantation*, Cachoeira possuía uma posição estratégica por ser considerada “boca do sertão”, ou seja, região de passagem entre as áreas litorâneas, mais diretamente ligadas ao bioma da Mata Atlântica, e os “sertões” do agreste e da caatinga, potencializando ainda mais as trocas de saberes entre esses diferentes agentes coloniais, a exemplo de grupos indígenas *payayá* e *aimoré*.

Além disso, Cachoeira e suas cercanias eram um dos principais polos de extração de madeiras da América portuguesa, à época. O aumento do interesse no potencial econômico das florestas acompanhou iniciativas do Estado luso e de seus agentes para a execução de um inventário e classificações mais cuidadosas desta flora e a descrição pormenorizada das diferentes espécies de árvores, a partir dos métodos da história natural lineana. Essa realidade colocava também a região como uma das mais importantes áreas para o desenvolvimento de estudos botânicos da Colônia (Pereira, 2013). Desde 1686, a região abrigava o seminário jesuítico de Belém da Cachoeira, distante aproximados 7 km da Vila, fundado pelo célebre inaciano Alexandre de Gusmão e que teria abrigado, no ano de 1739, um total de 115 alunos: a maior quantidade de alunos do período colonial. Um traço característico do Seminário é que estava mais diretamente voltado para a educação da elite da terra, aliás, parte dela ingressava, posteriormente, na Universidade de Coimbra.

Em função da dinâmica econômica e aumento de importância da localidade, com maior circulação de pessoas e incremento populacional, foi edificado na vila o hospital Nossa Senhora de Belém, no ano de 1729. Inicialmente, o Hospital, na verdade uma pequena enfermaria, achava-se em Paraguaçu, sendo construído para a assistência de uma população enferma formada

<sup>8</sup> Agradecemos a Laurinda Abreu a generosa localização e transcrição da carta de cirurgião obtida por Sampaio.

<sup>9</sup> Sobre o conceito de República das ciências, ver Bret (2008, p. 263-279).

<sup>10</sup> O que não significa que o texto e as imagens não tenham circulado, mesmo tendo permanecido manuscritos, realidade, aliás, usual no contexto estudado.

fundamentalmente por desvalidos, por iniciativa do frei franciscano Bernardo da Conceição que teria se dedicado antes e durante seu sacerdócio à arte da Medicina (Fragoso, 2012, p. 28; Santana, 2017, p. 35-55). Para além do Hospital, frei Bernardo igualmente montou uma botica, objetivando assistir melhor aqueles necessitados que recorriam à instituição, conforme escrito por frei Jaboatão (1858, p. 548).

Entre os anos de 1728 e 1734, sob a influência e os auspícios do senhor de engenho Antônio Machado Velho e das doações de outros indivíduos da elite local, o Hospital foi transferido e edificado na Vila de Cachoeira. Além de doações de terra e recursos financeiros, a instituição teria ainda recebido quatro de seus escravos para “o serviço das enfermarias”. No ano de 1754, também por iniciativa de Velho, o Hospital foi entregue à administração da Ordem de São João de Deus, ganhando o nome da mesma ordem (Santana, 2017, p. 41, 47). Importante sublinhar que a ordem de S. João de Deus, desde o século XVII, possuía grande projeção na fundação e administração de hospitais no império português, seguindo inclusive padrões mais ou menos rígidos e protocolares de administração e funcionamento.

Não obstante o destaque da Vila de Cachoeira, a estrutura do hospital continuaria acanhada. Num inventário datado de 1778, o espaço hospitalar propriamente dito resumia-se apenas a uma enfermaria com seis camas de madeira e cinco bancos pequenos para acomodar os doentes, além de um refeitório e uma cozinha (AHU, Castro e Almeida, doc. 10.064, *in* Santana, 2017, p. 42). Seja como for, o papel do hospital parecia reconhecido e não deixava de ser uma importante referência regional nas ações de caridade e cura.

O momento da transferência do hospital de Cachoeira para a ordem religiosa de S. João de Deus, em 1754, foi marcado pela busca de maior controle por parte da Coroa sobre as instituições de assistência, tanto no Reino como no ultramar (Santana, 2017, p. 43; Lopes, 2008). De acordo com Santana, alguns anos após a morte de Velho, os hospitaleiros da ordem de S. João de Deus foram afastados de sua administração, por conta de denúncias de má conduta, desferidas pelo bispo da Bahia (Santana, 2017, p. 51).

Fragments dessa realidade de busca por maior controle em torno do exercício da medicina na capitania da Bahia podem ser acompanhados por meio da documentação endereçada ao Conselho Ultramarino. Assim, ao tratar das difíceis condições do Hospital, a justificar o clamor dos religiosos por mais doações para seu funcionamento, o vice-rei Conde dos Arcos, no ano de 1757, aproveitava para expor seus comentários acerca do que considerava a precariedade dos serviços médicos em Cachoeira:

*No Hospital necessita-se da maior assistência do Prior, do sacerdote e de dois religiosos para a assistência da enfermaria, sendo porém um desses boticário que saiba a arte farmacêutica, que com zelo possa estabelecer uma botica com medicamentos e aprestos tais que mereça o nome de boa;*

*Na Vila de Cachoeira há atualmente 3 ou 4 cirurgiões, com outras tantas boticas, que todas não compõem uma [...] e porque a utilidade desses chamados boticários consiste na saída dos remédios, como cada um só receita para a sua botica, atende mais a utilidade que lhe resulta do maior consumo dos seus remédios, do que a dos enfermos a quem os aplicam [...] (AHU, Castro e Almeida, doc. 2.917).*

De acordo com Márcia Ribeiro, um acontecimento importante dessas tentativas de ações de maior controle foi a aprovação do “Regimento dos preços porque os boticários do Brasil hão de vender os medicamentos”, datado de 1744. Assim, para além da fixação dos preços (com variações do litoral para o interior da Colônia), o Regimento acabava por definir e, consequentemente, limitar, um rol de matérias-primas a serem manipuladas para a confecção dos remédios, prevendo ainda a nomeação de comissários a inspecionar e reprimir boticários não licenciados e as boticas mal aparelhadas, como aquelas alvo da reclamação do Conde dos Arcos (Ribeiro, 1997, p. 31ss.).

Na segunda metade do século XVIII, época em que Sampaio praticava as artes de curar na Vila de Cachoeira, a estruturação das instituições de saúde foi marcada pela reforma da Universidade de Coimbra, em 1772, e pela criação do Protomedicato, em 1782. As atribuições de cada instituição se sobreponham, e a disputa de poder entre elas esteve como pano de fundo do processo de modernização da saúde pública em Portugal. O foco das mudanças era a reorganização e fiscalização das profissões de cirurgião, médico e boticário, além da venda, produção, prescrição e administração de fármacos. De acordo com análise recente, a aprovação da primeira farmacopeia oficial do Reino, datada de 1794, inscreve-se nesse processo de acirramento do controle (Abreu, 2013, p. 188).

Para além da perseguição aos “charlatães e mezinheiros”, havia nas práticas do Protomedicato a preocupação em distinguir os que possuíam licença para curar, realidade que incidia diretamente sobre os cirurgiões. Abreu sublinha o prestígio que estes curadores práticos tinham junto à população, entre outras razões por estarem mais próximos dos doentes, cobrarem honorários mais acessíveis e curarem de modo semelhante ao dos médicos. Assim, o Protomedicato acabou arbitrando em favor dos médicos e de sua formação universitária, sendo mais severo com os

cirurgiões, que não poderiam se ocupar de determinadas atribuições, a exemplo de produzirem e administrarem remédios internos (Abreu, 2013, p. 320, 323ss.). Foi nessa conjuntura de recrudescimento da fiscalização que o cirurgião Sampaio acabou sendo duas vezes multado.

As inspeções e multas impostas pelo Protomedicato, tanto no Reino quanto no Brasil, causaram revolta de muitos práticos, que, por vezes, assim como Sampaio, exerciam a profissão por décadas, antes de serem multados. Nos “Brasis”, a fiscalização de 1785 ocorreu no Rio de Janeiro, em Pernambuco e na Bahia (maço 469, n. 5, cx. 585). É provável que o montante arrecadado com as multas fosse bastante expressivo e que representasse a fonte de financiamento do próprio Protomedicato. O relatório do órgão afirmava:

*O cofre tem pouco dinheiro que a não entrar algum do Brasil, ou a dívida do delegado das três províncias, Manoel José da Gama, não chegará para o quartel que finaliza em o dia 7 de julho do presente ano (maço 469, n. 5, cx. 585).*

De fato, em 1785, o tema da fiscalização e padronização das atividades de cura voltou a ocupar as autoridades da Bahia. Em ofício ao ministro Martinho de Mello e Castro, o governador D. Rodrigo José de Menezes narrava as ações coercitivas da Junta do Protomedicato na Capitania: o envio de juízes comissários com o propósito de “coibir que a saúde dos povos se entregue ao curativo de pessoas faltas da arte de sangrar e medicar”. Entretanto, ainda que considerasse tais ações “santas e justas”, D. Rodrigo de Menezes buscou contemporizar e mostrar ao seu Ministro que a rigidez do tribunal médico metropolitano talvez fosse excessiva diante das ofertas terapêuticas e das necessidades de sua Bahia:

*Os povos do vasto sertão dessa Capitania, pela experiência das ervas medicinais e pela mísera necessidade de sangradores aprovados, cirurgiões e médicos, se auxiliam uns aos outros como é bem constante, estes mesmos são condenados e ficam com o terror da prisão na pior figura, do que a antecedente e à falta de assistentes perigam e morrem.*

*Na própria cidade poucos são os médicos e dessa mímina parte contados os que caritativamente assistem aos enfermos depauperados [...] Por esta razão eles no aperto de necessidade, recorrem aos cirurgiões, que os medicam com mais pontualidade, e desta assistência até são privados porque o Juiz Comissário de Medicina os inibe do curativo, condenam e procedem a captura contra eles (AHU, Castro e Almeida, doc. 12.469).*

Até o momento, nosso levantamento documental não permite precisar com exatidão o ano em que o cirurgião Sampaio começou a trabalhar no hospital de Cachoeira. A referência mais direta, nesse sentido, é a capa de seu Tomo I da *História dos reinos vegetal, animal e mineral...*, datado de 1782, na qual faz menção a ser “partidista” do Hospital de S. João de Deus da Vila de Cachoeira. Cerca de sete anos depois, em 1789, quando escreve o Tomo II, referente aos animais, o cirurgião continuava filiado às duas casas e a oferecer seus serviços terapêuticos.

Não se sabe exatamente como Sampaio decidiu adequar seus conhecimentos ao tipo de saber incentivado e ao tipo de resultado esperado pelas autoridades acadêmicas portuguesas. Talvez tenha tido acesso a instruções publicadas pela Academia das Ciências de Lisboa e é provável que a convivência com bacharéis de Coimbra que atuavam na Bahia tenha sido determinante. As narrativas de Sampaio demonstram que pretendia expor sua grande capacidade científica, baseada tanto na experiência quanto em conhecimentos adquiridos pela leitura. Seu discurso é o de um homem de ciências das Luzes, porém é evidente seu desconforto com os termos e as ilações típicas da literatura de história natural da época.

Em trecho de uma das cartas remetidas à Academia, de 1783, é notável, para além dos esforços de Sampaio na descrição e classificação dos vegetais e animais “próprios do país”, sua iniciativa em deslindar suas “virtudes e usos” médicos, corrigindo o que qualificava de “enormes erros” dos autores que o precederam:

*[...] observando o quanto pode a minha exação as suas diferentes naturezas, formações, espécies, vegetações e o diverso mecanismo com que cada uma delas opera no corpo humano, seus diferentes efeitos; e, reconhecendo os enormes erros com que destas mesmas produções têm escrito muitos autores, já alterando as suas substâncias e configurações, já acrescentando ou diminuindo as suas virtudes, talvez por imperícia dos observadores ou credulidade nas tradições [...] (Sampaio, 2008, p. 11).*

Assim, sua postura não é de cópia dos tratados já existentes ou de remissão a autoridades estabelecidas. Ao contrário, Sampaio se afirma como útil conhecedor da flora e fauna locais e de suas propriedades de cura, como observador perito e desconfiado das tradições, apto a corrigir os erros de outros autores.

Sampaio escreveu seus textos em tempos de expressivas mudanças nos saberes e protocolos científicos, processados de maneiras mais ou menos específicas no que respeita às diferentes ciências. Para os interesses deste artigo, cabe sublinhar a ocorrência de uma considerável valorização da experiência e da observação, aliás, expressões

que possuíam múltiplos sentidos e aplicações, de acordo com os interesses perseguidos pelos diferentes indivíduos que as utilizavam.

Quanto à Medicina, ocorrem significativas mudanças em torno das explicações e diagnósticos das doenças, formando um novo repertório de conhecimentos e ações, também permeado de permanências.<sup>11</sup> Nos textos médicos existia forte apelo aos escritos e saberes dos “antigos”; no entanto, desde o Renascimento, a medicina passava por um processo de valorização da experiência de cada um no exercício de sua profissão. Em alguns casos, a observação e a experiência atingiam status semelhante ao das afirmações das autoridades tradicionais.

Aliás, a apropriação e exposição desses escritos e teorias nos variados gêneros da literatura médica e os diferentes tipos de formação eram os principais elementos que distinguiam e hierarquizavam os médicos tanto com relação aos leigos quanto aos diferentes profissionais das artes de curar. Desse modo, seriam afirmadas as diferenças – funcionais e sociais – entre a formação teórica numa universidade e o aprendizado e exercício prático de consertar ossos, extrair balas, produzir fármacos, que iriam distanciar, pelo menos em concepção, os médicos dos cirurgiões e boticários. O médico, idealmente, fornecia o embasamento teórico para o tratamento dos doentes, e as ações práticas executadas nos corpos enfermos ficariam, em grande parte, a cargo dos cirurgiões.

Nas últimas décadas do século XVIII, ocorre uma maior valorização dos métodos e práticas experimentais, o que pode ser atestado por meio da construção de um tipo de discurso que valorizava a experiência individual e, por vezes, a realização de experimentos, por parte desses atores e seu protagonismo no melhor conhecimento das doenças, dos doentes e das terapias para a cura, dentre elas as que envolviam o uso de vegetais, animais e minerais em suas receitas e mezinhas (Hankins, 2002, p. 47-50; Pickstone, 2001, p. 139-141).

Nos textos médicos houve uma crescente valorização da experiência e das práticas terapêuticas que, nos escritos de alguns autores, apareciam como argumento de oposição ao saber livresco e ao conhecimento dos “antigos” (Romão, 2011, p. 101, 105-108). Algumas dessas obras, inclusive, nos dão mostras de aproximações entre as terapêuticas e saberes usados pelos agentes de cura licenciados e dos “rústicos” (como gostava de escrever Sampaio) e curadores ilegais. Esse tipo de análise é proposto, entre outros, nos estudos de Furtado, Dias e Wissenbach, ao se debruçarem sobre textos escritos por cirurgiões e médicos, a exemplo do *Erário Mineral...*, de autoria do cirurgião luso Luiz Gomes Ferreira e publicado no ano de 1735 (Furtado,

2001; Dias, 2001; Wissenbach, 2010). O realce dado à experiência aparece diretamente nos escritos de Sampaio sobre seus “achados” de coleta, estudo e inventário da flora e da fauna de Cachoeira e de suas propriedades médicas.

Outra característica importante dos saberes e práticas médicas nos tempos de Sampaio é o fato de o século XVIII ter testemunhado um paulatino “enobrecimento” da profissão de cirurgião, especialmente em áreas além-mar. A reforma da Universidade de Coimbra de 1772 sancionou uma importante aproximação entre medicina e cirurgia, ao nobilitar as práticas consideradas mecânicas, fazendo com que o médico tivesse lições práticas e fosse ao mesmo tempo habilitado a atuar como cirurgião. No entanto, o recíproco não era verdadeiro, ou seja, continuava vetado aos cirurgiões o exercício da medicina, salvo em condições excepcionais (Pita, 2000).

Conforme argumenta Márcia Ribeiro, especialmente em áreas coloniais, onde as fronteiras entre as profissões médicas faziam-se menos rígidas, certos cirurgiões tiveram meios de atuarem e serem reconhecidos em patamares parelhos ao dos médicos, sem contar com a possibilidade de angariarem para si determinadas funções e distinções que dificilmente conseguiram na Metrópole (Ribeiro, 2005).

Um primeiro aspecto a ser aqui sublinhado são os significados e usos que os termos “experiência” e “observação” possuem e como tais são evocados com o intuito de afirmar seus saberes e ações como curador. Ao descontinar as “virtudes e usos” medicinais dos animais e vegetais locais, conforme escrito em uma de suas cartas à Academia, Sampaio visava corrigir os erros de autores “imperitos” ou por demais crédulos nas “tradições”. Seu cabedal teórico e prático encontra-se sistematicamente reiterado nas páginas que escreveu. Parecia, assim, não se cansar de mencionar seus longos anos acumulados de curas e sua “continuada lição dos livros”, como nos exemplos a seguir:

*A Banana de S. Tomé é dos mais prontos resolutivos; principalmente dos tumores chamados frios, como gomas, etc. A sua aplicação é assada, e posta sobre o tumor com calor tolerável; pessoas há que usam crua, mas a experiência me tem advertido ser assada mais proveitosa (Sampaio, 1969, p. 13).*

*Ora, esta massa [da mandioca] depois de espremida é um dos mais poderosos detergentes, que no reino vegetal tem descoberto a sagaz inquirição dos curiosos desse país, comprovada com contínua experiência [...] É tal a sua virtude mundificativa, que ainda a mesma*

<sup>11</sup> Para tais mudanças e permanências, entre outros autores, conferir: Abreu (2011); Porter (1999) e Marques (2012).

*farinha a conserva; como muitas vezes tenho observado (Sampaio, 1969, p. 20-21).*

Como é possível perceber nos fragmentos acima, a conotação mais recorrente que encontramos para as palavras “experiência” e “observação” era a de um tipo de conhecimento direto da matéria sobre a qual se escreve, angariado e legitimado pelas décadas em que Sampaio andara pelos matos baianos, coletando e escrevendo sobre sua fauna e flora, “anatomizando” animais, trocando saberes e práticas com o “vulgo” local e confrontando suas terapêuticas com as páginas dos textos médicos que teve à disposição para sua leitura e instrução. Desse modo, Sampaio traduzia sua experiência e saberes médicos na produção de história natural a partir do contato direto e cotidiano com os elementos que o circundavam (doentes, doenças, livros, plantas, animais...) e sobre os quais pretendia escrever para produzir conhecimento útil. Assim, em outro trecho da carta citada acima, o cirurgião da Vila de Cachoeira faria questão de validar seu conhecimento em “primeira mão”, realidade que parecia crer ser um importante fator de atração dos interesses da Academia para seu trabalho científico, diferenciando-o dos “erros” dos autores que não possuíam experiência direta das plantas e curas sobre a qual discorriam.

Em outros trechos de seu tratado de história natural, esse tom de ineditismo e conhecimento em “primeira mão” é afirmado de modo ainda mais veemente. Isso é flagrante na forma com que é descrita a folha (ou erva) de fogo, que o olhar treinado do cirurgião era capaz de localizar pelos “campos” e “matos pequenos” do espaço em que curava e que tão bem conhecia. Desse modo, distingue seu conhecimento e terapias em relação aos outros homens de ciência e agentes de cura e, talvez por isso, merecedor de valorização e visibilidade:

*Esta planta é pouco conhecida do vulgo, e mesmo dos professores de medicina, mas eu posso atestar pela experiência, que me tem dado o seu uso, que não só é um excelente detersivo de qualquer chaga sortida, mas que não tenho visto em toda farmácia remédio de mais eficaz e presentânea [sic] virtude [...] (Sampaio, 1969, p. 22-23)<sup>12</sup>.*

Contudo, não se deve perder de vista que tal conotação da experiência como “prática de ofício”, com significativa ênfase retórica no conhecimento direto e pragmático, é recorrente nos diferentes gêneros da litera-

tura médica, especialmente, no curso da segunda metade do século XVIII (Abreu, 2013; Nogueira, 2012; Porter, 1999, p. 380 ss.; Pickstone, 2001).

Outra estratégia de legitimação usada na escrita do cirurgião de Cachoeira é sua insistência na narração do uso de “instrumentos modernos”, sobretudo o microscópio, para a realização de suas descrições.<sup>13</sup> Assim, ao tratar, por exemplo, da vassourinha, o cirurgião sublinha as dificuldades de uma descrição mais exata da planta, pois “ela é muito enriquecida de miúdas folhas e quase sempre de flores pouco perceptíveis à vista”. Desse modo, somente com o recurso do microscópio seria possível ver o vegetal com os devidos olhos da ciência: “as suas flores vistas com um microscópio se percebem tetrapétalas, e brancas tirante e vermelho claras” (Sampaio, 1969, p. 21). Em outro trecho do *História...*, o microscópio tinha sido utilizado a propósito de enxergar em detalhes a flor do cipó Chumbo de Minas “que com a vista bem não se pode perceber” (Sampaio, 1969, p. 27).

Da mesma maneira que procedia com os vegetais, a fauna de Cachoeira igualmente foi submetida ao olhar do microscópio para ser mais precisamente conhecida. Ao narrar as características do “besouro”, o cirurgião parte das descrições achadas na obra de Lineu, embora com a ressalva de que “na verdade alguma [semelhança] tem, porém não identidade com o que estou vendo e observando”. Segue-se a descrição do animal:

*A cabeça é formada por um crânio fino, e tenso, e, cuja cavidade se acha uma substância branda, de cor escura, que com o microscópio se vê glandulosa, legitimamente cérebro [...] (Sampaio, 1969, p. 72).*

Como é possível observar a partir do trecho supracitado, outro aspecto da produção científica de Sampaio foi a valorização das dissecções para a classificação e descrição da fauna local. Aliás, em uma das cartas escritas à Academia, chegou a afirmar estrategicamente que teria “anatomizado todos os animais”, que contabilizavam 104 espécies. (Sampaio, 2008, p. 15). Seja como for, no segundo tomo de seu *História dos reinos...*, é perceptível o esforço do cirurgião em descrever os animais com base na experiência da abertura de seus corpos, balizado pela taxonomia lineana. Assim, as dissecções que efetuou só foram possíveis por causa de sua prática como cirurgião. Os órgãos e membros descritos de cada espécie ou grupo eram escolhidos a partir de critérios adotados por Lineu para a separação dos táxons, o que demonstra que o cirur-

<sup>12</sup> Para demais trechos do tratado de Sampaio em que há posicionamento e construção de textos análogos, conferir, entre outros, Sampaio (1969, p. 71, 73, 86).

<sup>13</sup> Não é demais lembrar que o referido “microscópio” bem poderia ser um conjunto de lentes de aumento, como espécies de lupas, que eram frequentemente usadas nos estudos e taxonomia da flora (Nickelsen, 2006).

gião de Cachoeira teve acesso a algum livro do naturalista sueco para sua instrução conceitual em história natural, provavelmente o *Systema naturae* em edição anterior à décima, de 1748, que é quando Lineu introduziu a categoria de *mammalia*, em substituição à de *quadrupedia*, utilizada por Sampaio (Schiebinger, 1993, p. 382-411).

As citações que fazia de Lineu vinham acompanhadas de correções, discordâncias ou mesmo, como será discutido mais adiante, da ênfase em determinadas diferenças, que tinham as feições de controvérsias. Por isso, no curso do seu texto, Sampaio produzia determinados períodos que evidenciavam seu protagonismo intelectual e científico: “e eu observo e vejo”; “eu com o original à vista observo”; “Lineu faz a descrição de um bugio, que parece a que eu faço do sagui, que descrevo, suposto com alguma diferença”.

Na sessão dos *quadrúpedes bugios*, encontramos outra interessante descrição anatômica, agora em um guariba:

*As vísceras desse animal em pouco se diferem das humanas, assim como os ossos, principalmente na região torácica, braços, mãos, e cabeça; tem porém mais cinco vértebras na espinha que o homem. Os ossos e ísquios são mais compridos, e acanulados, mas os pés diferentes. Eu fiz um esqueleto dos ossos desse bugio, tirando-lhe as cinco vértebras, que tem demais; posto em pé parece um esqueleto humano (Sampaio, 1969, p. 3-4).*

Esse trecho é revelador do esforço de Sampaio em promover uma série de comparações entre as características anatômicas e fisiológicas de certos animais que anatomiza com aquelas dos seres humanos. Essas comparações podem ser achadas em outros fragmentos de seu tratado de história natural. Aqui pode-se perceber seu esforço de aproximação com os saberes médicos anatômicos que vão progressivamente se afirmando, sobretudo nas últimas décadas do século XVIII (Foucault, 2004; Weiner e Sauter, 2003).

Atuando como cirurgião no Hospital de S. João de Deus e como partidista da Câmara, que em geral cuidava dos “desvalidos”, a exemplo dos soldados, dos presos das cadeias locais, não parece absurdo inferir que Sampaio tivesse acesso fácil a cadáveres e pudesse, assim, ter realizado neles dissecções, ainda que não haja nenhuma menção direta nesse sentido na documentação até agora analisada. De todo modo, a insistência em demonstrar conhecimentos de anatomia seria parte da estratégia discursiva do cirurgião para se mostrar atualizado e familiarizado com os protocolos científicos de seu tempo e, quem sabe, ter seus escritos aceitos e validados aos olhos dos membros da Academia.

Outra particularidade dos escritos oferecidos à Academia que merece um olhar mais detido é a

relação entre as práticas científicas de Sampaio e os modelos seguidos e conhecimentos adquiridos através do contato com livros. O contexto técnico-científico da Ilustração é o de incremento da circulação de impressos e manuscritos, especialmente instruções, imagens, listas e quadros descritivos, manuais e outros tipos de texto instrumentais, a partir da crença de que seria possível ensinar, adestrar gestos e promover uma atitude e produção de ciência.

A valorização da instrução por meio da leitura deve ser pensada como uma atividade articulada e concomitante à coleta, à anatomização de animais, aos experimentos envolvendo o uso de plantas de virtudes medicinais e as práticas das populações locais. Essa percepção rompe com um olhar dicotômico entre a “teoria” e a “prática”, em prol da consideração da leitura como um dos componentes fulcrais da atividade científica, mas que, igualmente, poderiam levar a diferentes ações, que envolviam a especialização, as condições materiais e locais dos agentes que as praticavam, a experiência, os “modos de fazer”.

Nesse sentido, é possível identificar nos escritos de Sampaio dois tipos de estratégias discursivas bem marcadas no que diz respeito à relação entre suas leituras e acesso aos livros e suas práticas científicas que atrelavam a história natural à medicina. Em primeiro lugar, em certos trechos de seu tratado, encontramos referências a autores e textos de modo genérico, sem que fossem diretamente indicados. Por exemplo, ao tratar das descrições e usos medicinais da Orelha de Onça, começa enfatizando o fato de que “alguns poucos escritores tratam deste vegetal (e não sem muitos defeitos na sua descrição)”, arrematando, em seguida, que esses mesmos escritores atribuíam à planta funções terapêuticas que julga pouco eficazes. Sampaio, discordava desses autores, tendo em vista “os anos de sua prática” e advogava a maneira exata como a planta deveria ser usada, servindo como “um dos mais excelentes anti-cólicos” (Sampaio, 1969, p. 76).

Mais adiante, ao tratar da erva-de-bicho, o autor lembra que o nome da planta estaria erroneamente relacionado à doença que ela curava, o “mal do bicho”, atribuindo, entretanto, outra explicação para a enfermidade:

*É vernácula neste país principalmente às pessoas que o vêm habitar de novo uma doença a que o vulgo e alguns escritores denominam bicho, crendo proceder ela de uns como insetos vermiculares criado no intestino reto e ânus.*

*Esta enfermidade não é outra coisa mais que uma relaxação do esfíncter do dito ânus ocasionada pelo nímodo calor que nos corpos infunde o clima americano (Sampaio, 1969, p. 62-63).*

Ainda que não os mencione textualmente, é interessante notar que tal crítica à ideia de que a enfermidade em questão seria causada por “bichos” e não pelo excessivo calor e clima das colônias tropicais como o Brasil pode ser observada em outros textos médicos da primeira metade do século XVIII. Assim, o *Erário mineral...*, de 1735, e o tratado do cirurgião e familiar do Santo Ofício Miguel Dias Pimenta, de 1707, apresentam explicações bem próximas daquelas de Sampaio para o achaque, inclusive, com algumas proximidades textuais bastante patentes, sobretudo no que respeita à descrição de sua sintomatologia e terapêuticas (Ferreira, 2002 [1735], p. 635; Pimenta, 1707, p. 3-4).

Em outros trechos do *História dos reinos...*, é possível encontrar a menção mais direta a determinados autores e suas respectivas obras, que apareciam em destaque em seu manuscrito através da redação de “advertências”<sup>14</sup>. Em tais trechos é que acessamos quais eram os livros que teve à disposição para sua instrução e de que maneira dialogava ativamente com o que lia para afirmar seus conhecimentos em história natural e suas terapêuticas. Um primeiro aspecto que salta aos olhos é que, apesar de afirmar sua “continuada lição dos livros”, na verdade são poucos os autores que aparecem mais diretamente citados e discutidos em seu tratado de história natural.

Assim, ao tratar das batatas e de suas qualidades eméticas e purgantes, Sampaio refuta as informações encontradas em tratados médicos e farmacopeias editadas em Portugal:

*Francisco da Fonseca Henriques na sua Âncora Medicinal confunde as batatas purgantes com outras que não o são [...] Contudo são todas alimentícias e saborosas, porém não há entre elas uma que pode equivocar-se com a batata purgante em nenhum dos referidos acidentes [...]*

*Manoel Rodrigues Coelho na sua Farmacopéia Tubalense diz que as batatas do Brasil, chamadas por outro nome inhames são umas raízes grossas [...] e que as brancas se costumam secar em talhadas, e reduzir a pó, com o que se purgam os habitantes e suas terras: está proposição é totalmente falsa [...] (Sampaio, 1969, p. 40-41).*

Ao descrever os “usos e virtudes” dos mundobins, Sampaio, uma vez mais, polemiza em torno dos conhecimentos encontrados nos livros médicos de Coelho e Henriques, sobretudo no que respeita à descrição do vegetal:

*Esta é a verdadeira, e sincera descrição dos mundobins, e não a que deles fazem Manuel Rodrigues Coelho na sua Farmacopeia Tubalense, em que diz não terra, nem forma de planta, e Francisco Henriques em sua Âncora Medicinal, que lhes dá sabor semelhante ao dos feijões; que tudo é engano, erro crasso como se colhe do que acabo de expor (Sampaio, 1969, p. 80).*

Em outro momento de seu tratado, Sampaio cita o droguista francês Pierre (“Pedro”) Pomet (1658-1699) para sublinhar a descrição que o mesmo faz de três espécies de canafistula. Acrescentando que daria conta apenas de focar a espécie procedente do Brasil e que se concentraria mais detidamente nas características da árvore e de suas virtudes medicinais, uma vez que a fruta e suas virtudes “é bem sabida pela Europa” (Sampaio, 1969, p. 51). Mais adiante, novamente Pomet é lembrado, só que a partir da leitura de Manoel Rodrigues Coelho e sua *Farmacopeia Tubalense...* para, novamente, refutar o autor. Desta vez, discordando de que haveria duas espécies de contraerva:

*Eu devo pura e simplesmente afirmar que fazendo a indagação que me foi possível pelos habitantes mais antigos, e curiosos mais experimentados, não pude descobrir outra espécie de contraerva mais que a que acabo de descrever: é bem verdade que um me mostrou uma erva a que chamava contraerva, porém em nada era semelhante, por cuja causa fiquei entendendo que lhe faltava o conhecimento desta planta (Sampaio, 1969, p. 60).*

Aliás, é provável que Sampaio pudesse ter tido acesso às considerações de Pomet através do texto de Coelho, dado que, ao longo de sua *Farmacopeia*, o autor português cita o droguista francês com considerável frequência, aparentando amplo conhecimento de seu trabalho.

Já no tomo referente aos animais, é possível perceber a estratégia discursiva do autor partindo, em princípio, da taxonomia lineana para, posteriormente, oferecer descrições que muitas vezes apresentavam informações adicionais ou discrepantes. Assim, para certos exemplares, o tom também é o da controvérsia e da crítica. Sobre o “porco verdadeiro” menciona que “seria o mesmo descrito por Lineu”. Entretanto, Sampaio menciona que tinha em sua presença um desses exemplares que apresentava “diferença da que os A.A. de Lineu descrevem” (Sampaio, 1969, p. 21).

Para a descrição da abelha “oruçu”, a controvérsia em relação aos textos do naturalista sueco ficaria ainda mais acalorada e, uma vez mais, como forma de legitimar

<sup>14</sup> Entre os significados da palavra nos dicionários de Bluteau (1728, p. 139) e Silva (1844, p. 49), podemos encontrar “atenção” e “reflexão”.

seus saberes, o cirurgião Sampaio faz menção à realização de dissecções e ao recurso do microscópio:

*Suposto que os A.A [de Lineu] nos persuadem serem os insetos destituídos de cérebro; eu contudo perspectivamente anatomicizando com o socorro do microscópio esta abelha (assim como outras) lhe acho crânio, e nele encerrada uma substância alva com todos os predicados de cérebro, que na verdade não é outra coisa, dividida da dos olhos, que uma matéria sanguinolenta escura em suas respectivas, e separadas cavidades [...] (Sampaio, 1969, p. 79).*

Resumindo, no diálogo e menção direta a outros autores, dando mostras de sua familiaridade com o mundo dos livros e do conhecimento teórico, percebemos também a valorização de sua “experiência” e domínio direto acerca da matéria sobre a qual discorria. Sublinhava, desse modo, em vez de uma descrição distanciada das espécies, o que era efetivamente visto, manipulado, coletado pessoalmente e aberto em dissecações. A realidade é que parecia autorizá-lo a revisar descrições de animais e plantas engendradas por autores consagrados.

Entretanto, para além do esforço deliberado em se mostrar atualizado sobre os protocolos científicos valorizados pelos homens de ciência do Reino, especialmente aqueles da Academia das Ciências de Lisboa, é possível igualmente perceber na produção científica de Sampaio forte semelhança com o tipo de escrita praticado por outros cirurgiões que curavam no contexto colonial. Por exemplo, a obra de Luiz Gomes Ferreira, o *Erário mineral...*, publicada em 1735, e as farmacopeias das primeiras décadas do século XVIII, especialmente a *Farmacopeia Tubalense...*, que Sampaio cita de modo direto em seu tratado, e não se adequavam aos padrões e balizamentos validados no contexto da segunda metade do século XVIII.

Além disso, num tipo de condução de texto bastante recorrente em tratados escritos por cirurgiões nas primeiras décadas do século XVIII, a exemplo do *Erário mineral...*, é possível observar em diversas páginas da obra de Sampaio a descrição do uso de determinadas plantas para muito além de seus interesses descritivos da taxonomia vegetal e de suas qualidades terapêuticas. Para muitas das espécies coletadas encontramos narrativas relacionadas ao seu uso cotidiano pelo “vulgo”. Sua descrição da cajazeira, por exemplo, é bastante paradigmática em relação a esse tipo de abordagem:

*É a cajazeira uma árvore das maiores que no Brasil se criam: ela se acha pelos matos incultos, e casualmente pelas circunvizinhanças das povoações. O seu tronco é grandemente grosso, coberto de uma cortiça, que sendo*

*a árvore velha, chega a ser de quatro dedos transversos. Esta cortiça é sempre fendida em muitas partes; ela é muito compacta, donde vem, que muitos artífices obram nelas bem delicadas obras como imagens de santos, moldes para obras de ourives, e semelhantes coisas primorosas, porém tanto tem de dócil ao lavrar, quanto de fragível (Sampaio, 1969, p. 33).*

No volume seguinte, sobre animais, a despeito de ter escrito em carta à Academia que todos teriam sido tratados “debaixo da ordem e termos de Lineu”, analisando os animais descritos por Sampaio, podemos perceber que, em grande medida, seus termos e métodos apenas se assemelham às descrições textuais lineanas. A definição do “caximbemguelé”, por exemplo, não é nitidamente morfológica. Os detalhes que apresenta são típicos de uma descrição próxima, de quem estabelece relação cotidiana com seu objeto. Assim, lemos em seu tratado:

*Não descreve Lineu animal que se assemelhe ao que eu vou agora tratar na sua física presença [...] com a magnitude de um rato doméstico com a cabeça grande; orelhas parvas; rosto, olhos, boca, nariz, tudo subcunicular; braços e mãos menores que as pernas e os pés. [...] Habita pelos matos, sempre sobe em árvores, e nunca jamais foi visto com companheiro [...] Dizem que mata cobras com ânimo intrépido e ligeireza. Eu nunca vi (Sampaio, 1969, p. 19).*

A partir do exposto, é possível percebermos, nos escritos de história natural e medicina do cirurgião Sampaio, uma produção de saberes de características híbridas. Assim, valorizava práticas científicas e médicas que ganham especial voga na segunda metade do século XVIII, a exemplo de uma retórica e ações em que se valorizavam a experimentação e a observação direta, dos estudos e práticas de anatomia, do uso de “instrumentos modernos”, de microscópios, etc. Observamos igualmente em sua terapêutica e em seu estilo de escrita uma forte aproximação com saberes e descrições mais diretamente relacionados às farmacopeias da primeira metade do século XVIII e aos tratados médicos escritos por cirurgiões como Gomes Ferreira – embora não os cite diretamente –, que possuíam parâmetros científicos distintos daqueles valorizados na época da reforma da Universidade de Coimbra e pela Academia de Ciências de Lisboa, recém-fundada.

Desse modo, a lista de plantas e animais com seus usos e propriedades tornaram-se para a Academia das Ciências um objeto limítrofe, entre o útil e o inútil, talvez, como dito, por não seguirem diretamente e de modo constante o padrão de científicidade estabelecido

internacionalmente. Talvez, simplesmente, a empresa colonial portuguesa não tenha favorecido a incorporação pela ciência dos saberes locais. Toda a experiência com plantas medicinais e doenças locais adquirida por Sampaio também não sensibilizou os médicos do Protomedicato, em sua fiscalização para excluírem da profissão aqueles que não tinham formação acadêmica. Em seu caso, o aprendizado “por meio de uma continuada lição dos livros” encontrou limites legais, mas também esbarrou em diferenças no próprio julgamento do que era considerado relevante ou não. Desse modo, fica claro com o exemplo de Sampaio que não se trata de julgar um conhecimento de forma abstrata, que, fora das circunstâncias, seria falso ou verdadeiro. A sua validade depende intrinsecamente das normas a serem seguidas.

No caso da medicina, seu exercício era exclusivo de um grupo de homens diplomados. Fora da corporação, os conhecimentos não poderiam ser reconhecidos. Em decorrência disso, Sampaio decidiu dedicar-se à história natural, campo no qual havia uma relativa liberdade de ação, pois os naturalistas não formavam um corpo profissional. Entretanto, a atuação da Academia das Ciências de Lisboa, na área da história natural, visava justamente homogeneizar as práticas e estabelecer critérios de validação para os trabalhos científicos. Difícilmente um homem como Sampaio, sem acesso a coleções de animais e plantas e a bibliotecas atualizadas, poderia efetivamente trabalhar à maneira de Lineu.<sup>15</sup> Seus conhecimentos sobre a fauna e a flora da Bahia eram profundos; no entanto, muitas vezes não estavam adequados aos parâmetros de base morfológica da história natural, adotados nos países centrais europeus.

As descrições dos usos medicinais e fabris de plantas e animais eram a parte central dos textos de Sampaio e constituíam o núcleo de seus conhecimentos. Abordar, porém, suas práticas de cura e suas experiências com medicamentos nativos esbarrava na interdição de atuar como médico. Suas experiências de cura com as ricas flora e fauna da região, se não foram abandonadas, tiveram que passar a um segundo plano em sua estratégia de inserção no universo dos homens de ciência. Sampaio, então, decidiu “passar de médico a geógrafo”, em suas próprias palavras, e começou a realizar uma descrição da Vila de Cachoeira, com informações de tipo topográfico e dados demográficos, que não chegou até nós, com exceção de um mapa, que provavelmente é de sua autoria (Fernandes e Oliveira, 2007, p. 1-13).

Enfim, a produção científica de Sampaio e a sua relação com os homens de ciência da Academia e as autoridades portuguesas indicam algumas fronteiras entre o

mundo da educação formal e o da formação prática, mais ou menos elásticas, dependendo da situação. Os limites entre trabalhos científicos e não científicos eram flexíveis e dependiam das circunstâncias para se legitimarem. A atuação desse cirurgião da vila da Cachoeira pode ajudar a compreender melhor as várias e intrincadas nuances da produção do conhecimento no Século das Luzes e condicionantes como “lugar” e tipo de formação daqueles que buscavam se inserir na República das Ciências.

## Referências

- ABREU, J.L.N. 2011. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 220 p.  
<https://doi.org/10.7476/9788575413401>
- ABREU, L. 2013. *Pina Manique: Um reformador no Portugal das Luzes*. Lisboa, Gradiva Publicações, 465 p.
- BIAGIOLI, M. 2006. *Galileu, cortesão: A prática da ciência na cultura do Absolutismo*. Porto, Porto Editora, 424 p.
- BRET, P. 2008. “Ils ne forment tous qu'une même république”: Académiciens, amateurs et savants étrangers dans la correspondance des chimistes à la fin du 18e siècle. *Dix-Huitième Siècle*, 40:263-279.  
<https://doi.org/10.3917/dhs.040.0263>
- BRIGOLA, J.C. 2003. *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 614 p.
- CERQUEIRA, J.B. 2015. Da Botânica à Zoologia: as pesquisas e atividades do cirurgião e licenciado Francisco Antônio de Sampaio na Vila de Cachoeira, capitania da Bahia, no século das Luzes. In: Simpósio Nacional de História, XXVIII, Florianópolis, 2015.
- CONCEIÇÃO, G.C. da. 2016. Natureza ilustrada: estudos sobre a Filosofia Natural no Brasil ao longo do século XVIII. In: G.C. da CONCEIÇÃO et al., *História e ciência: Ciência e poder na primeira idade global*. Porto, Universidade do Porto, p. 142-179.
- CRUZ, A.L.B.C. 2004. *Verdades por mim vistas e observadas oxalá foram fábulas sonhadas: cientistas brasileiros do setecentos, uma leitura auto-etnográfica*, Curitiba, PR. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Paraná, 317 p.
- DIAS, M.O.L. da S. 2001. Nos sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento. In: J.F. FURTADO (org.), *Erário mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, p. 31-105.
- DOMINGUES, A. 2001. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 8:109-129.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-59702001000500002>
- FARIA, M. 2002. *A imagem útil*. Lisboa, Universidade Autônoma de Lisboa, 265 p.
- FERNANDES, H.L.A.; OLIVEIRA, A.C.A.R. 2007. Aspectos da “Vila de Cachoeira” no final do século XVIII: apontamentos e reflexões. *Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras*, 1(1):1-13.
- FOUCAULT, M. 2004. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 231 p.
- FRAGOSO, H. 2012. O hospital de Cachoeira – uma herança fran-

<sup>15</sup> Para efeito de comparação, ver o esforço coletivo que Veloso e sua equipe fizeram para produzir conhecimento nos moldes lineanos, conferir Kury (2015).

- ciscana. In: A. SANTANA (org.), *Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira. Saúde, história e cultura*. Salvador, Vento Leste, p. 27-30.
- FURTADO, J. 2001. Arte e segredo: o licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: J.F. FURTADO (org.), *Erário mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, p. 3-30.
- HANKINS, T.L. 2002. *Ciência e Iluminismo*. Porto, Porto Editora, 224 p.
- KURY, L. 2015. O naturalista Veloso. *Revista de História (USP)*, 172:243-277.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.98752>
- LOPES, M.A. 2008. A intervenção da Coroa nas instituições de proteção social de 1750 a 1820. *Revista de História das Ideias*, 29:131-176. Disponível em: <https://eg.sib.uc.pt/bitstream/10316/25024/1/Lopes.M.A.%20interven%C3%A7%C3%A3o%20da%20Coroa.pdf>. Acesso em: 14/12/2017.
- MARQUES, M.S. 2012. A pedra parideira e a panaceia universal: Robert Boyle e a constituição da ciência instrumental. *Kairós, Revista de Filosofia e Ciência*, 5:91-139. Disponível em: <http://kairos.fc.ul.pt/nr%205/A%20pedra%20parideira%20e%20a%20panaceia%20universal.pdf>. Acesso em: 08/04/2018.
- MARTINS, A.P. 2008. *Eu observo e descrevo de Francisco Antonio de Sampaio*. Rio de Janeiro, Dantes.
- NICKELSEN, K. 2006. *Draughtsmen, Botanists and Nature: The Construction of Eighteenth-Century Botanical Illustrations*. Dordrecht, Springer, 295 p.
- NOGUEIRA, A. 2012. Universos coloniais e “enfermidades dos negros” pelos cirurgiões régios Dazille e Vieira de Carvalho. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 19(1):179-196.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000500010>
- PATACA, E. 2006. *Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)*. Campinas, SP. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas, 698 p.
- PEREIRA, R.O. 2013. *O império botânico: as políticas portuguesas para a flora da Bahia Atlântica colonial (1768-1808)*. Belo Horizonte, MG. Tese de doutoramento. Universidade Federal de Minas Gerais, 336 p.
- PICKSTONE, J.V. 2001. *Ways of Knowing: A New History of Science, Technology and Medicine*. Chicago, University of Chicago Press, 271 p.
- PITA, R. 2000. Medicina, cirurgia e arte farmacêutica na reforma pombalina da Universidade de Coimbra. In: A.C. ARAÚJO, *O Marquês de Pombal e a Universidade*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- PORTER, R. 1999. *The Greatest Benefit to Mankind: A Medical History of Humanity*. New York, WW. Norton & Company, 872 p.
- RAMINELLI, R. 2008. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassalos e governo a distância*. São Paulo, Alameda, 312 p.
- RIBEIRO, M.M. 1997. *A ciência dos trópicos: A arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo, Hucitec, 150 p.
- RIBEIRO, M.M. 2005. Nem nobre, nem mecânico: A trajetória social de um cirurgião na América portuguesa do século XVIII. *Almanack Brasiliense*, 2:64-75.  
<https://doi.org/10.11606/issn.1808-8139.v0i2p64-75>
- ROMÃO, R.B. 2011. Considerações sobre o *Examen de Ingenios para las Sciencias* de Juan Huarte. In: P.F. da COSTA; A. CARDOSO (org.), *Percursos na história do livro médico*. Lisboa, Colibri, p. 93-110.
- SANTANA, T.M.P de. 2017. Caridade, devoção e assistência hospitalar aos pobres: o hospital S. João de Deus da Vila de Cachoeira (1734-1770). *História e Cultura*, 6(2):35-55.  
<https://doi.org/10.18223/hiscult.v6i2.2083>
- SCHIEBINGER, L. 1993. Why Mammals are Called Mammals: Gender Politics in Eighteenth-Century Natural History. *The American Historical Review*, 98(2):382-411.  
<https://doi.org/10.2307/2166840>
- SECORD, A. 1994. Corresponding Interests: Artisans and Gentlemen in Nineteenth-Century Natural History. *The British Journal for the History of Science*, 27(4):383-408.  
<https://doi.org/10.1017/S0007087400032416>
- SHAPIN, S. 1994. *A Social History of Truth*. Chicago, The University of Chicago Press, 514 p.  
<https://doi.org/10.7208/chicago/9780226148847.001.0001>
- WALKER, T.D. 2013. *Médicos, medicina popular e Inquisição: A repressão das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo*. Rio de Janeiro/Lisboa, Editora Fiocruz/Imprensa de Ciências Sociais, 423 p.
- WEINER, D.B.; SAUTER, M.J. 2003. The City of Paris and the Rise of Clinical Medicine. *Osiris*, 18:23-42.  
<https://doi.org/10.1086/649375>
- WISSENBACH, M. 2010. Ares e azares da aventura ultramarina: matéria médica, saberes endógenos e transmissão nos circuitos luso-afro-americano. In: A.P. MEGIANI; L.M. ALGRANTI, *O império por escrito: formas de transmissão da cultura lettrada no mundo ibérico*. São Paulo, Alameda, p. 375-393.

## Fontes primárias

- ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO (AHU). Castro e Almeida, doc. 2.917; Castro e Almeida, doc. 5.457; Castro e Almeida, doc. 12.469.
- ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (ANTT). Carta de Cirurgia Francisco Antonio Sampaio. CHR. D. José I, liv. 70, fl. 282V; Maço 469, n. 5, cx. 585.
- BLUTEAU, R. 1728. *Vocabulário portuguez e latino...* Coimbra, Colégio das Artes da Cia. de Jesus.
- FERREIRA, L.G. 2002. *Erário mineral... [1735]*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro.
- JABOATÃO, Fr. A. de S.M. 1858. *Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos frades menores da Província do Brasil*. Impressa em Lisboa em 1761, e reimpressa por ordem do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, vol. II.
- PIMENTA, M.D. 1707. *Notícias sobre o achaque do bicho...* Lisboa, Oficina de Miguel Manescal, 176 p.
- SAMPAIO, F.A. de. 2008. Cartas à Academia das Ciências de Lisboa. In: A.P. MARTINS, *Eu observo e descrevo de Francisco Antonio de Sampaio*. Rio de Janeiro, Dantes.
- SAMPAIO, F.A. 1969 [1782]. *História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil pertencentes à medicina*, 219 p. (Anais da Biblioteca Nacional, vol. 89).
- SILVA, A. de M. 1844. *Dicionario da língua portuguza*. Lisboa, Tip. Antônio José da Rocha.